



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

FÁTIMA BRAÚNA CORREA

**FATORES ASSOCIADOS À DESMOTIVAÇÃO EM
ADOLESCENTES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA DA ESCOLA RICARDO CANTANHEDE DE
ARIQUEMES/RO**

ARIQUEMES - RO

2017

Fátima Braúna Correa

**FATORES ASSOCIADOS À DESMOTIVAÇÃO EM
ADOLESCENTES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA DA ESCOLA RICARDO CANTANHEDE DE
ARIQUEMES/RO**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Educação Física da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em: Educação Física.

Prof. Orientador: Pós Doc. Miguel Furtado Menezes

Ariquemes - RO

2017

Fátima Braúna Correa

**FATORES ASSOCIADOS À DESMOTIVAÇÃO EM
ADOLESCENTES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA
ESCOLA RICARDO CANTANHEDE DE ARIQUEMES/RO**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Educação Física da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em: Educação Física.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Orientador Pós Doc. Miguel Furtado Menezes
FAEMA – Faculdade de Educação e Meio Ambiente

Prof. Dr. Roberson Geovani Casarin
FAEMA – Faculdade de Educação e Meio Ambiente

Prof. Esp. Osvaldo Homero Garcia
FAEMA – Faculdade de Educação e Meio Ambiente

Ariquemmes, 23 de Junho de 2017.

A Deus por me abençoar em cada etapa do curso, e a minha mãe, por tudo que fez, faz e sei que ainda fará por mim e por meus irmãos, por todo esforço feito para que eu chegasse onde cheguei, e por hoje, eu ter concluído uma importante etapa da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que me colocou aqui ainda que não fosse minha primeira opção de curso, que me ensinou a gostar e a enxergar a Educação Física de outra forma, que me sustentou e permitiu que eu chegasse até aqui sem nenhum empecilho significativo, apesar das dificuldades enfrentadas, e por sempre ter estado comigo no decorrer de toda a graduação, principalmente na produção deste trabalho.

A minha mãe, Hionara da Silva Braúna, por todo incentivo e ajuda para que eu concluísse o curso com êxito, êxito o qual não é somente meu, mas também mérito dela.

Ao Prof.^o Orientador, Dr. Miguel Furtado Menezes, pela dedicação, pelo incentivo e a pela imensa paciência que externou em todas as etapas deste trabalho.

A minha patroa, Analir Bertan, a qual sou imensamente grata por toda compreensão aos momentos em que tive que me ausentar do local de trabalho em decorrências eventuais da graduação.

A minha irmã e seu esposo, e ao meu irmão, por toda ajuda e suporte prestados quando necessitado.

Aos amigos que fiz ao longo desses anos, principalmente aos que sempre estiverem ao meu lado, tanto na faculdade, como fora do âmbito acadêmico.

Aos professores que fizeram parte de cada estágio ao decorrer desses anos juntamente com a turma, e que além de professores, se tornaram amigos.

Aos componentes da banca que se disponibilizaram em presenciar e avaliar a defesa do meu Trabalho de Conclusão de Curso.

A todos que de alguma maneira, contribuíram para que eu pudesse concluir a última etapa do curso. Obrigada.

*"Educação Física é educação,
na medida em que reconhece o
homem como arquiteto de si
mesmo e da construção de
uma sociedade melhor e mais
humana."*

Vitor Marinho de Oliveira

RESUMO

A idealização da presente pesquisa teve início a partir da observação nas aulas de estágio, onde grande parte dos alunos não participava das aulas de Educação Física (EF). A partir daí surgiu a necessidade de pesquisar por quais motivos esses alunos deixavam de participar. Trata-se de uma pesquisa quantitativa, a qual foi realizada na Escola Ricardo Cantanhede da cidade de Ariquemes/RO. O instrumento para coleta de dados utilizado foi um questionário composto por 23 questões fechadas referente à desmotivação nas aulas de EF, sendo que cada questão apresentava 4 opções de resposta (nada, pouco, médio e muito). Foram recolhidos ao total 110 questionários respondidos, e para a análise e levantamento dos dados, foram utilizados 57 desses questionários, sendo esses 57, os que responderam de forma que expressavam apresentar desmotivação em relação às aulas. Sendo assim, este trabalho teve a pretensão de identificar os fatores associados à desmotivação desses alunos, analisar e sugerir possíveis maneiras de reverter essa situação pertinente nas aulas de EF, presente principalmente nas escolas públicas. A partir daí, foram encontrados alguns fatores, como o clima, a pouca habilidade para execução de determinados movimentos, a falta de diversidades de atividades propostas nas aulas, entre outros.

Palavras-chaves: Adolescência. Desmotivação. Educação Física.

ABSTRACT

The idealization of the present research started from the observation in the internship classes, where a large part of the students did not participate in Physical Education (PE) classes. From there came the need to search for what reasons these students stopped participating. This is a quantitative research, which was carried out at Ricardo Cantanhede School in the city of Ariquemes / RO. The data collection instrument used was a questionnaire composed of 23 closed questions related to demotivation in EF classes. Each question had 4 response options (nothing, little, average and much). A total of 110 questionnaires were collected, and for the analysis and data collection, 57 of these questionnaires were used, 57 of which were answered in a way that expressed a lack of motivation in relation to the classes. Therefore, this paper aimed to identify the factors associated with the demotivation of these students, to analyze and suggest possible ways to reverse this pertinent situation in EF classes, present mainly in public schools. From there, some factors were found, such as the climate, the lack of ability to execute certain movements, the lack of diversities of activities proposed in classes, among others.

Keywords: Adolescence. Demotivation. PE (Education Physical).

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição das resposta para a questão 1	26
Gráfico 2 – Divisão dos que responderam “nada” e “pouco” para a questão 1.....	27
Gráfico 3 – Distribuição das resposta para as questões 2 a 6.	28
Gráfico 4 – Distribuição das respostas para as questões 7 a 10.....	32
Gráfico 5 – Distribuição das respostas para as questões 11 a 15.....	35
Gráfico 6 – Distribuição das respostas para as questões 16 a 17.....	36
Gráfico 7 – Distribuição das respostas para as questões 21 a 23.....	39

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BVS	Biblioteca Virtual em Saúde.
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa.
CONFED	Conselho Federal de Educação Física.
EF	Educação Física.
FAEMA	Faculdade de Educação e Meio Ambiente.
OMS	Organização Mundial da Saúde.
PE	Education Physical (Educação Física).
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
2 REVISÃO DE LITERATURA	12
2.1. ADOLESCÊNCIA	12
2.2. SEDENTARISMO E OBESIDADE NA ADOLESCÊNCIA.....	13
2.3. ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE	15
2.4. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	17
3 OBJETIVOS.....	24
3.1. OBJETIVO GERAL	24
3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	24
4 METODOLOGIA	25
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
CONCLUSÃO.....	43
REFERÊNCIAS.....	44
APÊNDICE	51

INTRODUÇÃO

A motivação envolve fenômenos emocionais, biológicos e sociais e é o processo responsável pelos hábitos e comportamentos adotados pelo indivíduo que visa à concretização de um objetivo. Rocha (2009) define motivação como força que sobrepõe à pessoa a alguma ação e desperta sua disponibilidade de transformação. É um fator que move o indivíduo, levando-o a agir e realizar algo, podendo concluir, que motivação é predispor de um comportamento intencionado em um determinado objetivo. O professor possui grande influência sobre essa motivação nos alunos, por ocupar tal cargo, o qual permite com que os alunos o enxerguem como autoridade superior e por poder propor dentro de suas aulas atividades e métodos motivacionais. Porém, para iniciar um processo de mudança quanto à participação dos alunos nas aulas, é necessário identificar e conhecer os motivos que os fazem não participar das atividades nas aulas de Educação Física, e pensar em maneiras para modificar este cenário nas aulas de Educação Física e motivá-los a participação das aulas.

Através dos resultados e dos temas abordados, este trabalho tem como propósito contribuir para conscientização de professores quanto às atitudes a serem tomadas, aos métodos a serem utilizados e elaborados para atrair os alunos e aumentar a participação destes nas aulas, e conscientiza-los sobre a importância da prática de atividades e exercícios físicos, do proveito que se pode obter das aulas de Educação Física, sendo ela uma disciplina integrada a proposta pedagógica da escola e componente curricular da educação básica, proporcionando dentro do âmbito escolar os seus benefícios, e da relevância de tornarem essa prática um hábito ao longo da vida.

Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo discorrer sobre esses fatores responsáveis pela desmotivação em adolescentes nas aulas de Educação Física, de forma que seja possível propor estratégias para reverter essa realidade presente principalmente nas escolas públicas. Para um melhor entendimento do tema geral, serão abordados temas relacionados à adolescência, ao sedentarismo e obesidade, a atividade física e saúde, e Educação Física Escolar.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1. ADOLESCÊNCIA

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), adolescência é o período que ocorre após a infância e antes da fase adulta, sendo assim a separação entre essas duas fases da vida. Não há idade exata para início e término desse período, podendo ocorrer entre 10 a 19 anos de idade. É uma fase de extrema importância para o desenvolvimento humano, sendo um dos períodos mais relevantes, onde o adolescente passa por inúmeras mudanças, tanto físicas quanto psicológicas.

Para Piaget (1999), a adolescência é o último período da evolução psíquica, a qual começa a se desenvolver por volta dos 12 anos de idade, período este que ele chamou de operacional formal ou a fase do pensamento formal. Definiu-o assim, porque, enquanto a criança pensa concretamente e reflete somente sobre acontecimentos do seu dia a dia, observa e responde sobre aquilo que a realidade lhe propõe, não cria sistemas, nem reflete sobre tais, o adolescente tem a capacidade contrária e evoluída a da criança, de criar pensamentos e hipóteses distantes da realidade, de formular ideias abstratas, raciocínio lógico, o qual se torna mais difícil por não estar ligado diretamente à sua vivência diária, e que exige um trabalho mental muito maior que na fase anterior. É a partir dessa idade que começa a construção das características da adolescência. As operações formais, dão poder ao novo pensamento, de maneira que consiga se destacar e se libertar da realidade, dando assim concepção ao seu próprio modo de reflexão.

Além de todas as mudanças psicológicas que acontecem nesse estágio, ocorrem também as mudanças físicas e comportamentais. Segundo Amaral (2007), na maior parte dos casos, a primeira mudança observada refere-se a mudanças físicas. Nessa etapa do desenvolvimento, acontece um crescimento acelerado no corpo do adolescente e inúmeras mudanças bruscas, as quais acontecem tão rapidamente, que o indivíduo não tem tempo para se acostumar com tais mudanças até que elas se estabilizem.

Amaral (2007), explica também que juntamente com essas transformações, acompanham as mudanças no organismo, que se diferenciam entre meninos e meninas, havendo diferenças até mesmo na idade em que essas mudanças podem ocorrer: em meninos de 12 a 14 anos, e em meninas de 10 a 13 anos, aproximadamente. As alterações sexuais secundárias: em meninas, o aumento das mamas, da largura do quadril, aparecimento dos pelos pubianos e nas axilas, e a primeira menstruação, definida como menarca, e em meninos, alteração na voz, aumento da largura dos ombros, surgimento de pelos nas axilas, no rosto e região pubiana, crescimento do órgão sexual e a primeira ejaculação. É importante lembrar que adolescência não é puberdade, porém a puberdade acontece dentro no período da adolescência e suas características marcam essa fase do desenvolvimento humano.

2.2. SEDENTARISMO E OBESIDADE NA ADOLESCÊNCIA

Desde os tempos primitivos o homem precisou produzir tudo que lhe era necessário, como alimento, vestimenta, moradia, e assim, desenvolvendo habilidades motoras e executando atividades físicas sem saber que as estava realizando. Com o evoluir e o passar dos tempos, e com o surgimento e evolução gradual das tecnologias, o homem foi se tornando dependente de tais, e o objetivo, mesmo que talvez inconscientemente, passou a ser, fazer o mínimo possível de esforço físico, já que o alto desenvolvimento tecnológico é capaz de executar inúmeras tarefas em seu lugar, ou ocupar o tempo e a disposição que poderia investir na sua saúde física.

O sedentarismo é um dos maiores males do século, não só na vida das crianças e dos adolescentes, mas de todos, independentemente da idade e estágio que se encontre. A tecnologia avançada, a modernidade e até mesmo o comodismo ou preguiça, tem feito com que as pessoas se preocupem menos que o necessário com a saúde, deixando de lado, ou até mesmo não tendo a iniciativa de praticar atividade física, a qual vem ganhando maior espaço na vida das pessoas.

Segundo Lucchese e Castro (2010), hoje é possível realizar quase tudo sentado, se divertir, falar ao celular, trabalhar, usar o computador, assistir televisão, assistir filme, sem considerar o que por necessidade já é executado sentado, como por exemplo, o horário destinado às refeições. Engana-se quem pensa que a prática da atividade física se tornou dispensável ou desnecessária, muito pelo contrário, deve estar presente na vida de todo ser humano que tem condições de realizá-la. O sedentarismo não oferece benefício algum, e pode resultar em consequências prejudiciais ao organismo, como o stress, colesterol alto, hipertensão, tensão, obesidade, entre outros. O acúmulo de gordura causado pela falta de atividade física associada ao demasiado consumo de alimentos ricos em gorduras, não se manifesta apenas na estética, mas também nos vasos sanguíneos, causando assim algumas patologias e consequências no organismo, como o entupimento de veias e artérias, podendo causar futuramente um possível infarto.

Para Mendonça (2014), parte da responsabilidade do sedentarismo das crianças e adolescentes é dos pais, que por insegurança ou medo, não deixam que seus filhos brinquem nas ruas, ou em praças até mesmo de condomínios por não poderem acompanhá-los, e o pouco tempo que poderiam levar suas crianças a esses lugares, preferem dispor a eles brinquedos tecnológicos para que continuem dentro de casa, como celulares, vídeo games, tablets, computadores.

Continuando, Mendonça (2014) explica que um dos fatores que tem maior contribuição no sobrepeso e obesidade em crianças e adolescente, é o sedentarismo, ou seja, na maior parte dos casos, estão diretamente ligados um ao outro. Um dos principais problemas associado ao sedentarismo que acarreta a obesidade, é a má alimentação, a ingestão excessiva de gorduras saturadas presentes em muitos alimentos consumidos por grande parte da população, inclusive o refrigerante que tem como maior público os adolescentes, e que possui em sua composição ingredientes prejudiciais à saúde.

Barbosa (2009) difere a obesidade do sobrepeso, de maneira a entender que, obesidade é o acúmulo em excesso de gordura corporal concentrada no tecido adiposo, já o sobrepeso é o valor da massa corporal, que pode ser composta pela chamada massa gorda, que é a gordura acumulada no corpo, e a massa magra, composta por todos os tecidos não gordurosos, sendo os músculos maior parte dessa composição. Ressalta ainda, que a obesidade depende também da

distribuição da gordura no corpo, pois dependendo do local em que ela se encontrar concentrada, existe um maior risco de contrair determinadas doenças.

A gravidade da obesidade e do sobre peso na infância e na adolescência, tendem a permanecer durante a vida adulta se não tratada corretamente enquanto há tempo, além disso, torna-se um estímulo para outras doenças, sendo as mais frequentes, as doenças cardiovasculares e pulmonares (respiratórias), diabetes tipo II, hipertensão arterial, dislipidemias, distúrbios do sono e até alguns tipos de cânceres. Sendo assim, é preciso identificar e tratar as causas que levam a obesidade. (MENDONÇA, 2014).

Conforme Barbosa (2009), em crianças e adolescentes, costuma ser possível reverter os efeitos negativos do excesso de peso, desde que seja assumido um estilo de vida saudável, estimulando a perda de peso. Ou seja, uma das práticas a serem adotadas para evitar e reverter a obesidade, é a prática de atividade física regular tornando-a um hábito de vida, e evidentemente, associada à modificação dos hábitos alimentares.

2.3. ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE

Atualmente, é provável que toda e qualquer pessoa, em algum dia da sua vida já tenha ouvido falar sobre a importância de ter uma vida fisicamente ativa, e que a atividade física oferece ao organismo diversos benefícios, e previne inúmeras patologias.

De acordo com Pintanga (2010), saúde e qualidade de vida estão associadas a diversos fatores ambientais, sendo um deles, a prática de atividade física. Especula ainda, sobre o que pode trazer mais benefícios à saúde, se a atividade física ou o exercício, já que o exercício físico pode ser considerado um fragmento do amplo espaço da atividade física. Ele explica, representando através de uma pirâmide, divididas em: atividades da vida diária, atividades recreativas, exercícios aeróbicos e neuromusculares e exercícios de alta intensidade, em respectiva ordem crescente que, quanto mais específica, intensa e ordenada for a atividade física ou o exercício,

maior e melhor será seu benefício, de acordo com as recomendações, respeitando o grau de aptidão física do indivíduo.

Finck e Testa Junior (2014) relatam que, como todas ou maior parte das pessoas sabem sobre os riscos do sedentarismo e o agravo que ele pode causar ao longo do tempo, é necessário que o ser humano se conscientize tanto sobre os riscos do sedentarismo, quanto sobre os benefícios da atividade física e adote uma vida com hábitos saudáveis, a fim de alcançar cada vez mais um quadro de saúde considerado positivo. Para Samulsk et al. (2009), qualidade de vida pode ser entendida como a satisfação do homem referente aos aspectos físico, psíquico e sociocultural. Ou seja, a harmonia entre todos os eles.

Segundo Florindo e Ribeiro (2009), a atividade física faz parte do desenvolvimento humano, e quando praticada, começa a apresentar seus benefícios já na infância e adolescência. Porém, é possível notar a má nutrição que vem tomando conta principalmente das crianças e adolescentes, o que causa em boa parte deles, a obesidade, e evidentemente, aumenta a probabilidade das doenças crônicas não transmissíveis, o que torna imprescindível o aumento de estudos sobre tal assunto, a fim de conscientizar o ser humano sobre a prática de atividade física, o que notavelmente já vem acontecendo. Relatam também, que um dos benefícios notados de imediato na criança e no adolescente referente à prática de atividade física, é a melhora na aptidão física relacionada à saúde. Segundo Mattos e Neira (2008), quem possui uma boa aptidão física, é capaz de realizar atividades do seu dia a dia, como estudar, trabalhar, locomover-se a esses e outros lugares levando consigo seus objetos, sem sentir-se cansado ou fadigado facilmente, e quando há a necessidade de um esforço maior, como permanecer por muito tempo em pé, ou segurar algo mais pesado que o normal, dispõe dessa mesma capacidade.

De acordo com Samulsk et al. (2009), alguns dos benefícios da atividade física e exercício físico praticados de maneira correta são, a redução dos níveis de ansiedade, estresse e depressão, melhoras no humor, aumento no bem estar físico e psicológico, aumento na disposição física e mental, melhora no funcionamento do organismo em geral, e diversos outros benefícios. Recomenda ainda, que o indivíduo realize atividades físicas não apenas por obrigação, mas que pratique atividades motivadoras e prazerosas, relacionando o nível de dificuldade com o nível de aptidão física, de maneira que seja praticada regularmente toda semana. Sendo

que o tempo de atividade física recomendado para a faixa etária entre 5 a 17 anos, é de 60 min diários.

Outros benefícios advindos da prática da atividade física comprovados em diversos estudos são relatados por Florindo e Ribeiro (2009), sendo um deles a prevenção da osteoporose na fase adulta, já que se praticada na infância e adolescência contribui no desenvolvimento e fortalecimento dos ossos. Além desse, existem outros diversos benefícios ofertados pela prática de atividade física regular, e um dos maiores, diz respeito aos hábitos comportamentais no futuro, pois se um adolescente é fisicamente ativo, essa prática tende a permanecer nas fases posteriores, permitindo consequentemente esses benefícios por toda a vida do indivíduo.

2.4. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A primeira Lei que incluiu a prática de alguma atividade física na escola foi a Lei Nº 630, de 17 de setembro de 1851, que incluiu a ginástica no currículo das escolas primárias do Município da Corte/RJ. (CONFEEF, 2003).

Após incluírem a ginástica, foram sendo inseridas aos poucos outras modalidades de esporte. Até que, em 10 de novembro de 1937, na Lei Nº 378, em seu art. 131, dispõe: “A Educação Física, o ensino cívico e o de trabalhos manuais serão obrigatórios em todas as escolas primárias, normais e secundárias, não podendo nenhuma escola de qualquer desses graus ser autorizada ou reconhecida sem que satisfaça aquela exigência”. (JUSBRASIL, 1937).

Lei Nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, no art. 22, fixa a obrigatoriedade da prática da Educação Física nos cursos primários e médios, até idade de 18 anos. (BRASIL, 1961).

Decreto - lei nº 705, de 25 de julho de 1969, art. 1º, altera a redação do artigo 22 da Lei nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961, passando a vigorar com a seguinte redação: "Será obrigatória à prática da Educação Física em todos os níveis e ramos

de escolarização, com predominância esportiva no ensino superior". (BRASIL, 1969).

Parágrafo único. Os cursos noturnos podem ser dispensados da prática da Educação Física. (Incluído pela Lei nº 5.564, de 1971)

Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, art. 7: "Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus". (BRASIL, 1971).

E por fim, a lei que ampara hoje a Educação Física, é a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, em seu art. 26º, § 3º, que passou por várias mudanças, até chegar a redação que está em vigor hoje: A Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo sua prática facultativa ao aluno:

I – que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas;

II – maior de trinta anos de idade;

III – que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da Educação Física;

IV – amparado pelo Decreto - Lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969 (Decreto – Lei referente ao tratamento excepcional para os alunos portadores das afecções);

V (VETADO);

VI – que tenha prole.

Redação dada pela Lei nº 10.793, de 1º. 12.2003. (BRASIL, 1969).

A EF, para ser inserida como componente curricular, precisa ensinar em suas aulas, práticas e conhecimentos que nenhuma outra disciplina disponibilizaria aos alunos, reforçando o valor e a importância de sua inserção na escola, como fenômeno educativo. (MARANTE, SANTOS, 2008).

De acordo com Finck (2014), a EF, mesmo com todos os estudos realizados e comprovados referente aos benefícios, não tem sido capaz de convencer a população quanto a sua relevância no currículo escolar. As pessoas ainda a veem como a disciplina de brincar e jogar bola. O fato do número de aulas durante a semana ser pequeno, e não haver outro meio ou horário na escola em que os alunos possam se envolver com o esporte ou atividade física, faz com que, principalmente os que não praticam atividade física fora da escola, se movimentem cada vez menos, aumentando a probabilidade de ter uma vida sedentária.

Segundo Mattos e Neira (2008), o professor deve ser a ponte entre informações e os alunos, deve ser instrumento para que o conhecimento da importância e dos benefícios dessa disciplina chegue até eles, e deve procurar proporcionar em suas aulas um ambiente em que os alunos se sintam à vontade para errar e aprender, e deve compreender que apesar do coletivo da turma, cada ser humano possui sua individualidade e dificuldades. Isso permitirá um bom desempenho como papel de educador. Ressaltam ainda que é muito importante que o professor tenha bom relacionamento com os alunos e que haja troca de experiências entre eles, havendo acima de tudo respeito, para que o professor não seja visto apenas como general, ou ditador de regras, mas como um educador, como um ser humano capaz de compreender cada integrante da turma.

Conforme Finck e Testa Junior (2014), o professor de EF pode aproveitar o seu local de atuação para eleger a EF como um componente relacionado à saúde. Sendo assim, adotar como objetivo das aulas de EF a obtenção ou melhora da saúde, torna-se algo importante, porém para abordar este tema, é necessário entender sua definição. A OMS define saúde, não apenas como ausência de patologias, mas como completo bem-estar físico, mental e social. Ou seja, torna-se necessário também nas aulas, a abordagem de outros temas como aptidão física, alimentação, exercício físico, explicitando aos alunos que a atividade física que pode e deve ser praticada dentro das aulas, não é o único caminho, mas uma das, senão a principal das vias, associada às outras já citadas, para se alcançar o bem-estar físico geral. E, além de conceder aos alunos o conhecimento sobre a importância de adquirir uma vida fisicamente ativa, juntamente com os outros fatores que levam a saúde, é importante motivá-los de maneira que eles pratiquem o que aprendem nas

aulas, fazendo assim, que as aulas de EF na escola seja influência para que adotem hábitos saudáveis também fora do âmbito escolar.

De acordo com Florindo e Ribeiro (2009), a escola é o lugar ideal para a promoção da prática de atividades físicas em crianças e adolescentes, por permitirem propostas que visam à educação em saúde. Segundo eles, a EF escolar deveria fazer parte da formação do indivíduo, porém, grande parte dos alunos que já passaram pelo ensino fundamental e médio, continua não sabendo sobre sua importância, menos ainda relacionada à saúde. E indagam ainda, que acontecimentos negativos nessa fase, podem ocasionar em inatividade física nas fases posteriores.

Darido (2004), diz que o fato do número de praticantes de atividade física reduzir com o amadurecimento do indivíduo, pode estar ligado a experiências passadas relacionadas a EF, onde não foi encontrado prazer em tal prática, causando o afastamento entre a atividade física e o indivíduo. Em um estudo realizado por Meneses (2013) em duas escolas, é possível observar este fator citado por Darido, onde em uma das escolas, grande parte dos alunos participantes da pesquisa, relata não participarem das aulas, por que desde suas primeiras séries, tiveram as aulas de EF livre, podendo fazer o que queriam ou até mesmo não fazer nada.

Finck e Testa Junior (2014), continuam explicando que, a abordagem de todos esses temas e o incentivo à prática das atividades nas aulas de EF, não garante que os estudantes passarão a praticar atividade física regularmente, mas fará com que eles sejam conscientes sobre a importância que a mesma tem para a saúde. Acreditam que um trabalho extenso realizado na escola, no decorrer das aulas, sobre os prejuízos e males da inatividade física, do sedentarismo, da má alimentação, do álcool, drogas e vícios em geral comparados aos benefícios da atividade física como hábito de vida, pode contribuir para mudança de pensamento e hábitos dos alunos. Por fim, afirmam que explicitar o termo saúde aos alunos, só se tornará favorável a diminuição da probabilidade de doenças crônicas degenerativas, se isso for capaz de fazer com que os estudantes assumam uma rotina de vida que os aproximem do bem-estar geral.

Segundo a sugestão de Darido e Souza Junior (2015), em uma aula pode ser trabalhada dimensões conceitual, atitudinal e procedimental em conjunto ao invés de dividir em conteúdo. Para explicar usam o exemplo do momento do aquecimento no início das aulas, enquanto os alunos executam os movimentos, o professor pode indagar sobre a importância de tal prática, ou até mesmo num exercício em dupla, enquanto realizam, pode-se explicar sobre respeitar o próprio limite e o limite do próximo. Dizem também, que mais que ensinar a praticar, é fazer com que os estudantes absorvam as informações sobre a importância de tais práticas, e saibam se relacionar com os outros alunos, entendendo todos os valores além dos benefícios físicos.

Graber e Woods (2014), afirmam que para as crianças e os adolescentes participarem das atividades físicas por livre e espontânea vontade é necessário oferecer-lhes oportunidades em que serão capazes de realizar e obter sucesso, pois quando se tem experiências positivas referentes à atividade física, o desejo de realizá-las torna-se maior, conseqüentemente faz com que estes queiram praticar também fora do âmbito escolar. Falam ainda sobre a importância de o professor servir de espelho para os alunos. Ele deve praticar o que ensina tanto por saber dos benefícios para a saúde, quanto para servir de incentivo para seus alunos e vez ou outra participar de alguma atividade da aula, mesmo que em uma atividade rápida, como no aquecimento, para que os alunos se sintam inspirados e possam notar seu bom condicionamento físico advindo da prática regular de atividade física.

Por ocupar o cargo que ocupa, e ser visto como autoridade superior entre os alunos, o professor tem grande poder de influenciá-los, sendo assim, o professor deve sempre levar cada integrante da sua turma a acreditar que é capaz de realizar a atividade, instigando-o a participar das aulas e não excluí-lo ou tratá-lo diferentemente, mesmo que indiretamente, por olhares, tom de voz ou expressões. (DARIDO; SOUZA JUNIOR, 2015).

Fazer com que os alunos alcem objetivos individuais quanto a sua própria capacidade, pode induzi-los a maior participação nas aulas de EF. O professor deve ter como objetivo também, fazer com que os alunos tenham uma vida fisicamente ativa, não só na escola, mas durante o decorrer de sua vida. Se as atividades propostas nas aulas de EF forem prazerosas aos estudantes, eles conseguirão notar

e reconhecer o bem-estar que ela pode oferecer, levando a ser uma escolha consciente fora do âmbito escolar. (GRABER; WOODS, 2014).

Meneses (2013), diz ainda que diferente das outras disciplinas, a EF trabalha pedagogicamente com conteúdos da cultura corporal de movimento: jogos, danças, esportes, ginásticas e lutas. Trabalha com o coletivo, cooperação e competição, além de influenciar em alguns alunos o gosto pela prática de atividade física, atuando como promoção de saúde. Porém, associar o papel da EF escolar apenas com lazer, qualidade de vida e saúde, é desvincula-la do contexto escolar, já que estes itens, podem ser adquiridos com a prática de atividades físicas também fora do âmbito escolar. Por isso, deve-se vinculá-la também a formação integral do indivíduo como cidadão.

Rocha (2009) define motivação como força que sobrepõe à pessoa a alguma ação e desperta sua disponibilidade de transformação. É um fator que move o indivíduo, levando-o a agir e realizar algo, podendo concluir, que motivação é predispor de um comportamento intencionado em um determinado objetivo.

A compreensão da motivação na EF escolar pode permitir ao professor estratégias motivacionais, incluindo o comportamento do próprio professor, para elevar a qualidade das interações e promover experiências positivas aos alunos. (SAMPEDRO, 2012). Menezes e Verengue (2006), relatam que manter a motivação dos alunos em relação às aulas de EF, é um grande desafio para os professores, e que a escolha dos conteúdos, tem lugar fundamental nesse processo.

Chicati (2000), afirma que o professor tem a tarefa de se tornar o grande agente motivador em meio a tantos outros fatores envolvendo os adolescentes, selecionando conteúdos mais motivacionais para os alunos, pois, assim como relata Meneses (2013), dificilmente, alguém se mantém em alguma tarefa, sem que esta traga ou ofereça algum benefício a quem está realizando.

Em um estudo realizado (já citado) por Meneses (2013), aborda a necessidade de o professor ser exigente em suas aulas, sem deixar de oferecer um ambiente prazeroso aos alunos. Relatos dos próprios alunos nessa pesquisa, dizem que se o professor não mantiver essa postura em suas aulas e deixar com que os

alunos fiquem muito à vontade, eles acabam não participando do que lhe é proposto nas aulas, não realizando nenhuma das atividades.

É preciso que o professor torne o ambiente de suas aulas, em um lugar agradável onde a relação entre os alunos, e entre os alunos e o professor seja saudável. Além disso, o professor tem que ter e externar convicção naquilo que transfere aos alunos. (MENESES, 2013).

Sendo assim, explorar os fatores motivacionais pode contribuir para futuras escolhas do aluno ao envolvimento com a prática de atividade física e/ou esportiva, seja no âmbito escolar ou não. (SAMPEDRO, 2012).

3 OBJETIVOS

3.1. OBJETIVO GERAL

Identificar os fatores associados à desmotivação em adolescentes nas aulas de Educação Física da Escola Ricardo Cantanhede de Ariquemes/RO.

3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Discorrer sobre os fatores responsáveis pela desmotivação dos alunos;
- Conhecer a percepção dos alunos participantes da pesquisa quanto às aulas de Educação Física;
- Propor maneiras/estratégias para que os professores de Educação Física possam contribuir para maior participação dos alunos em suas aulas.

4 METODOLOGIA

A idealização da presente pesquisa teve início a partir da observação nas aulas de estágio, onde grande parte dos alunos não participava das aulas de EF. A partir daí, foi desenvolvido o Projeto de Pesquisa, o qual foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) – FAEMA, através do número 2.117.517. Trata-se de uma pesquisa de critério quantitativo, a qual foi realizada no primeiro semestre do ano de 2017, tendo como população os alunos das turmas do 9º ano do ensino fundamental e 1º ano do ensino médio, de idade entre 13 a 18 anos de idade, estudantes da Escola Estadual Ricardo Cantanhede de Ariquemes/RO, nos turnos matutino e vespertino. Foram escolhidas essas turmas com o intuito de identificar se havia alguma relação entre a participação ou não dos alunos nas aulas com a transição da fase escolar, do ensino fundamental para o ensino médio.

O material utilizado para coleta de dados para o desenvolvimento da pesquisa foi o questionário, composto por 23 questões fechadas, as quais apresentavam 4 opções de respostas, sendo elas 0 (nada), 1 (pouco), 2 (médio) e 3 (muito), elaborado pela aluna Fátima Brauna Corrêa (candidata ao título de Licenciada em EF), o qual foi submetido a avaliação pelo CEP, integrado no Projeto de Pesquisa.

Para a coleta de dados foram adotados os seguintes procedimentos: após a entrega e o recolhimento do TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (assinado pelos pais dos menores) e do Termo de Assentimento, foi aplicado aos alunos o questionário composto por 23 questões fechadas referente à desmotivação nas aulas de EF. Foi recolhido o total de 110 questionários, porém, os que responderam com as opções “médio” e “muito” para a questão 1 (Participo das atividades nas aulas de Educação Física), responderam de forma que não demonstrava desmotivação nas aulas. A partir daí, já que o intuito da pesquisa era identificar os fatores de desmotivação, foram considerados para o levantamento de dados das próximas questões, os que responderam com as opções “nada” e “pouco”, demonstrando não participar das aulas, ou participar raramente, totalizando 57 questionários que compõem a amostra da pesquisa. Apresentados no Gráfico a seguir (Gráfico 1):

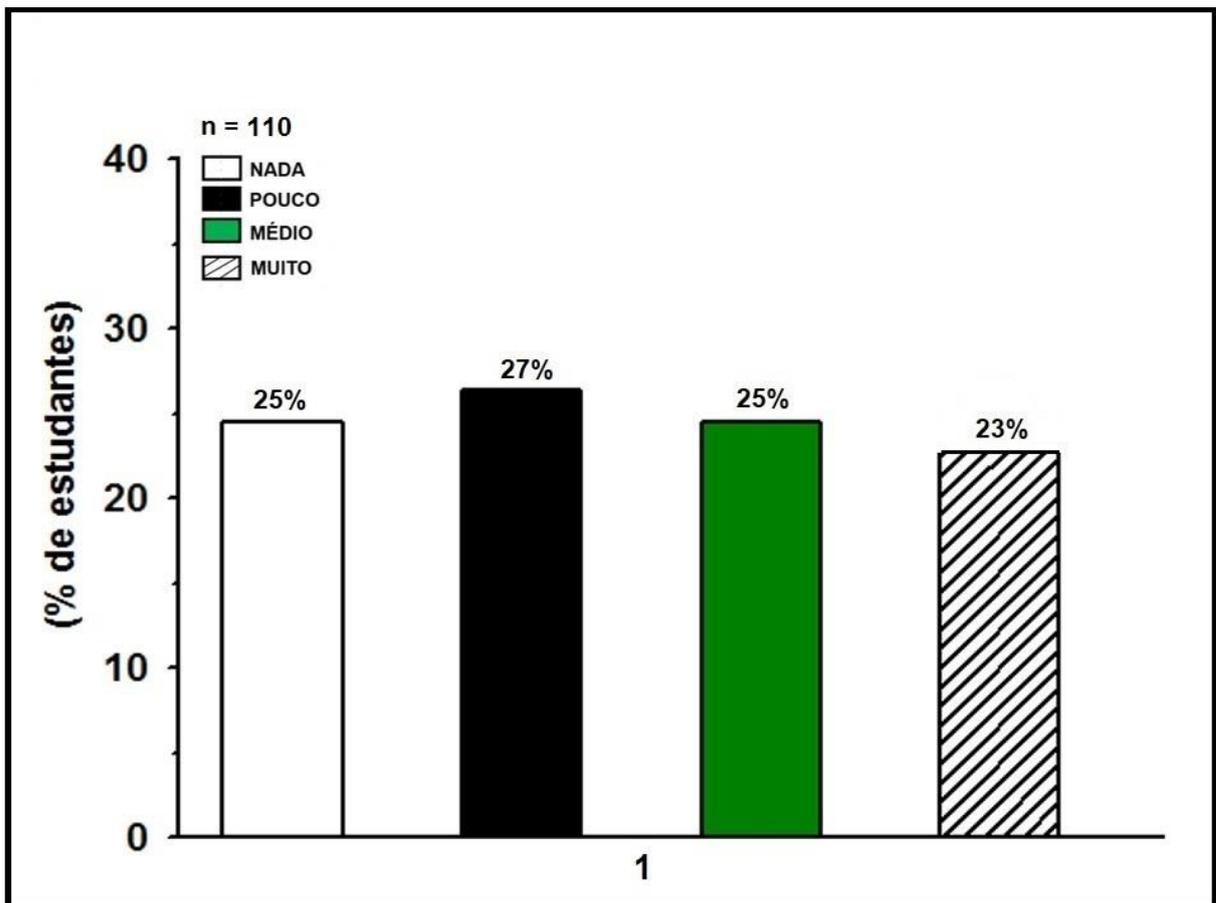


Gráfico 1 – Distribuição das respostas para a questão 1 (Participo das atividades nas aulas de EF).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa foi realizada com alunos do 9º ano do ensino fundamental e estudantes do 1º ano do ensino médio. Foram escolhidas essas turmas, com o intuito de identificar se havia alguma relação entre a participação ou não dos alunos com a transição da fase escolar, do ensino fundamental para o ensino médio e também com o início da adolescência. No gráfico a seguir (Gráfico 2), estão quantificados os alunos de cada período, 9º ano do ensino fundamental e 1º ano do ensino médio:

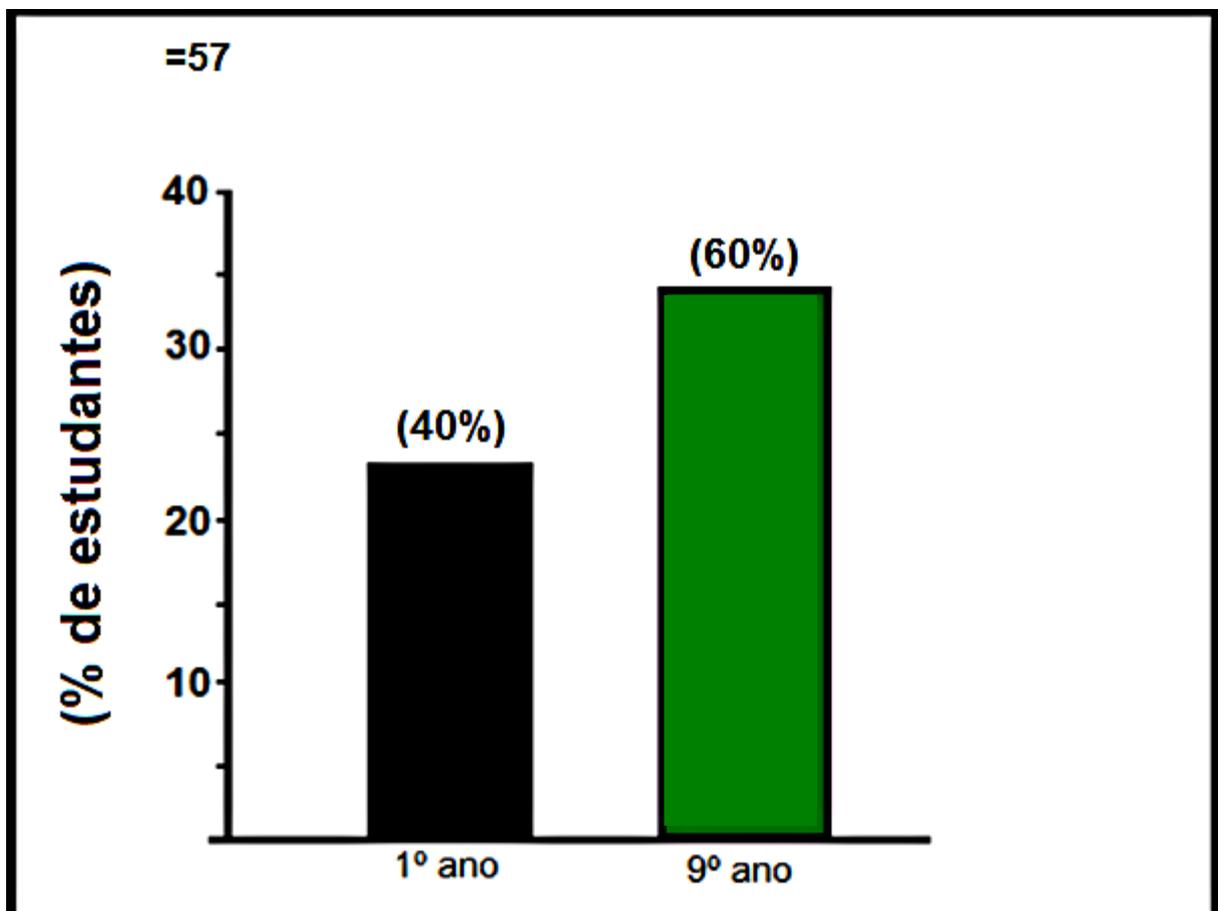


Gráfico 2 – Divisão dos que responderam “nada” e “pouco” para a questão 1 (Participo das atividades nas aulas de EF), entre 9º ano do ensino fundamental e 1º ano do ensino médio.

Através dos resultados é possível notar, que entre a população pesquisada desta escola, a transição da fase escolar, não tem relação com a diminuição da participação dos alunos nas aulas, onde 40% correspondem aos alunos do 1º ano do ensino médio e 60% aos alunos do 9º do ensino fundamental, dentre os 57 que compõem a amostra. Porém, segundo Betti e Zulianne (2002), a desmotivação nas

aulas, para alguns dos alunos, tem início no final do ensino fundamental, quando passam a ter uma visão mais crítica da realidade, não atribuindo à EF sua devida importância. Ou seja, essa desmotivação começa a atingir a alguns alunos, antes mesmo que aconteça essa transição.

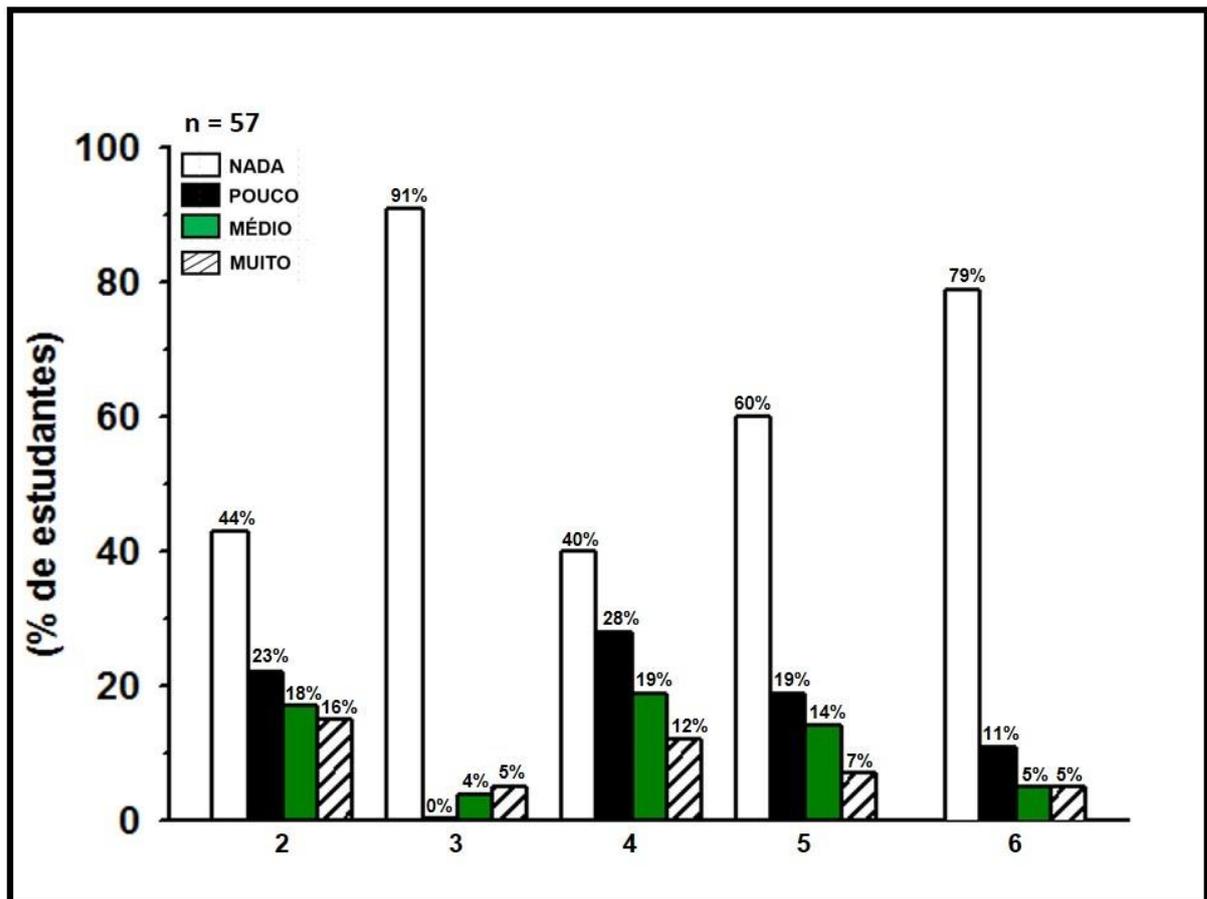


Gráfico 3 – Distribuição das respostas para as questões 2 a 6 (2. Não participo das aulas porque a quadra é um ambiente muito quente. Não quero ficar suado nas próximas aulas; 3. Não participo porque não gosto do professor (a); 4. Não participo porque não sou “bom” em nenhum esporte/atividade; 5. Não participo porque tenho vergonha; 6. Não participo porque não me dou bem com os colegas de turma).

No Gráfico 3, onde estão apresentadas as questões da 2 a 6, mostra que 18% dos alunos responderam “médio” e 16% responderam “muito”, expressando que a temperatura elevada da quadra, é um dos fatores pelos quais grande parte deles deixa de participar das aulas. Desde que as aulas de EF passaram a ser ministradas no mesmo horário que as demais disciplinas, fato este que passou a vigorar em meados da década de 90, mais precisamente após a aprovação da Lei nº. 9394/96 (BERNITI JUNIOR; TASSONI, 2013) Lei que vigora hoje sobre a EF

escolar, os alunos ficaram sujeitos a essa situação de retornarem para a sala de aula suados e sujos. A pouca qualidade de espaço físico e de instalações para o ensino da EF podem ser compreendidos sob dois aspectos: a não valorização social desta disciplina e o descaso das autoridades para com a educação. (SILVA; DAMAZIO, 2008).

Na escola onde foi realizada a pesquisa, as demarcações o espaço da quadra são consideravelmente bons, porém, a quadra não recebe manutenção de limpeza, os banheiros disponíveis na quadra não funcionam e não são higienizados como os banheiros do pátio da escola, o local onde deveria ser o vestiário para ocasiões eventuais, são sujos e abandonados, e a parte que dá entrada a esses supostos vestiários, os alunos utilizam para jogar de pingue pongue em uma mesa que está toda remontada, podendo a qualquer momento cair e machucar algum aluno.

Mais um fator observado, é a falta de materiais necessários e em bom estado de conservação para uso nas aulas de EF. Além disso, quando chove e há ventos muito fortes, a chuva invade todo o ambiente da quadra, dificultando a realização das aulas que acontecem neste período. Melo e Lopez (2012), relatam que devido à escassez de materiais e equipamentos necessários para as aulas, o professor deve planejar suas aulas de acordo com os materiais que a escola disponibiliza. Aguiar (2009) *apud* Melo e Lopez (2012), relata que se os materiais disponíveis forem diferentes da necessidade do planejamento do professor, este influencia diretamente na dinâmica e na qualidade de suas aulas, entretanto, destaca que existem professores que conseguem alcançar os objetivos da disciplina e oferecer atividades motivadoras mesmo sem os materiais necessários. Freitas (2014), diz que um dos fatores fundamentais para o desenvolvimento de uma boa aula de EF, é a disponibilidade de recursos pedagógicos adequados e em bom estado de conservação e de uma boa estrutura física que possibilite a mínima condição para a prática.

Foi observado também, que não há um espaço alternativo para outras atividades, como por exemplo, jogo de xadrez, dama, dança, entre outros, de maneira que eles possam se concentrar sem se distraírem com o que está acontecendo ao redor. Uma sugestão levantada, é que haja um local onde o professor possa disponibilizar dessas atividades para os alunos que não gostam de participar efetivamente das atividades físicas, podendo assim, incluí-los de alguma

maneira nas aulas sem que eles fiquem ociosos. Essa sugestão pode ser utilizada como estratégia para atrair os alunos que não participam das aulas, até que eles se interessem por participar das outras atividades. Este local alternativo pode ser até mesmo uma das salas de aula da escola, desde que seja destinada e reservada para este fim, sugestão essa que precisa de intervenção não apenas no professor de EF.

Outro problema observado é a falta de trajes adequados, fazendo o uso de calças jeans e sapatos inadequados, sendo que tais fatores prejudicam o movimento e amplitude do movimento, além de afetarem a segurança das crianças, pois o uso de sapato com saltos pode ocasionar quedas e torções, prejudicando e limitando o desenvolvimento e a participação dos alunos nas aulas práticas. Fator este, confirmado por Binkley et al. (2002), que relata que o excesso de vestimentas inadequadas no calor intenso (clima habitual da cidade realizada a pesquisa), compromete a capacidade do sistema termo regulatório, pelo fato de que roupas escuras ou de tecidos sintéticos tem maior absorção do calor ambiental, aumentando a temperatura do corpo.

A questão 3 (Gráfico 3), traz ainda o relacionamento entre o aluno e o professor, e evidencia o apreço dos alunos pelo professor de EF. Segundo Baccarelli et al. (2010), a interação entre os alunos e o professor é uma relação de troca de interesses, onde o professor é o transmissor de informações das quais proporcionarão o conhecimento a seus alunos. Sendo assim, é de suma importância que haja um bom relacionamento entre o professor e seus alunos, para que estes possam desfrutar de um ambiente harmonioso e absorver dos conhecimentos que o professor tem a dispor.

A questão 4 (Gráfico 3), está relacionada à pouca habilidade e coordenação motora para executar determinadas atividades/esportes, onde 19% dos alunos responderam “médio” e 12% responderam “muito”, para a falta de habilidade como um dos fatores que causam a desmotivação nas aulas de EF. Muitas pessoas têm dificuldades em lidar com obstáculos, principalmente na adolescência, fase em que esses buscam uma autoafirmação e popularidade entre os colegas, sendo assim a falta de habilidade pode ser um fator importante associado a desmotivação dos alunos. Nas aulas de EF, é evidente que por parte dos alunos, há uma exclusão (ainda que não propositalmente) de alunos que não sabem realizar um determinado

esporte/atividade tão bem quanto os que têm facilidade e habilidade, quando isso acontece, é necessária à intervenção do professor, para que ocorra a inclusão destes alunos e para que estes e todos os outros alunos participem das aulas e das atividades propostas, mesmo que naquela instância ainda não consiga realizá-las com êxito. (MARZINEK, 2004). Na ocorrência dessas situações, o professor tem a possibilidade de aproveitar para, além de incluir o aluno na atividade, ensiná-lo a maneira correta de realizar o movimento/atividade, conquistando assim a confiança do aluno e permitindo que ele se sinta à vontade nas aulas, para errar e aprender, sem que seja excluído por isso. Inclusive, um dos desafios dos professores de EF no contexto escolar em que hoje os alunos estão inseridos, é fazer com que eles reflitam sobre o fato de que não existem apenas os esportes hegemônicos, mas que existem outras possibilidades que podem ser tão ou até mais interessantes que estes para praticarem. Atividades alternativas, as quais não exijam regras, podem ser uma alternativa de inclusão para esses alunos, como por exemplo a prática do treinamento funcional, que tem o intuito de mimetizar os movimentos naturais do dia a dia das pessoas, como saltar, correr, escalar, pode ser uma abordagem interessante e uma forma de inclusão.

Na questão 5 (Gráfico 3), 14% dos alunos responderam “médio” e 7% responderam “muito” para a questão relacionada a ter vergonha em praticar as atividades propostas pelo professor, questão a qual, está relacionada com a questão anterior onde relata que a falta de prática e de habilidade para as atividades, principalmente as tradicionais como o futebol, pode ser um fator de desmotivação para os alunos. Outro fator que pode acarretar a vergonha, é a obesidade, a qual também está ligada a habilidades e coordenação motora, pois devido ao seu peso, pode ter dificuldades em realizar determinados movimentos além da probabilidade de ocorrerem lesões, ser maior que em alunos com peso normal. Em uma pesquisa realizada por Feital e Oliveira (2011), um dos alunos participantes que apresentava sobrepeso, diz se sentir envergonhado de sua aparência e antes que os amigos o excluíssem das atividades, ele mesmo fazia isso com antecedência, isolando-se. Diante dessas situações, deve haver a intervenção do professor, de forma a incluir o aluno das atividades, e ensinar aos alunos a inclusão e o respeito para com o próximo, independente de quem ele seja. A questão 6 (Gráfico 3), interrogou sobre o relacionamento entre os próprios estudantes, e como é possível observar no Gráfico,

maior parte dos alunos têm um bom relacionamento entre si, resultado o qual é bastante positivo, pois demonstra que o relacionamento no ambiente escolar neste caso, está em harmonia, da mesma forma que demonstra a questão 3, referente ao relacionamento aluno-professor.

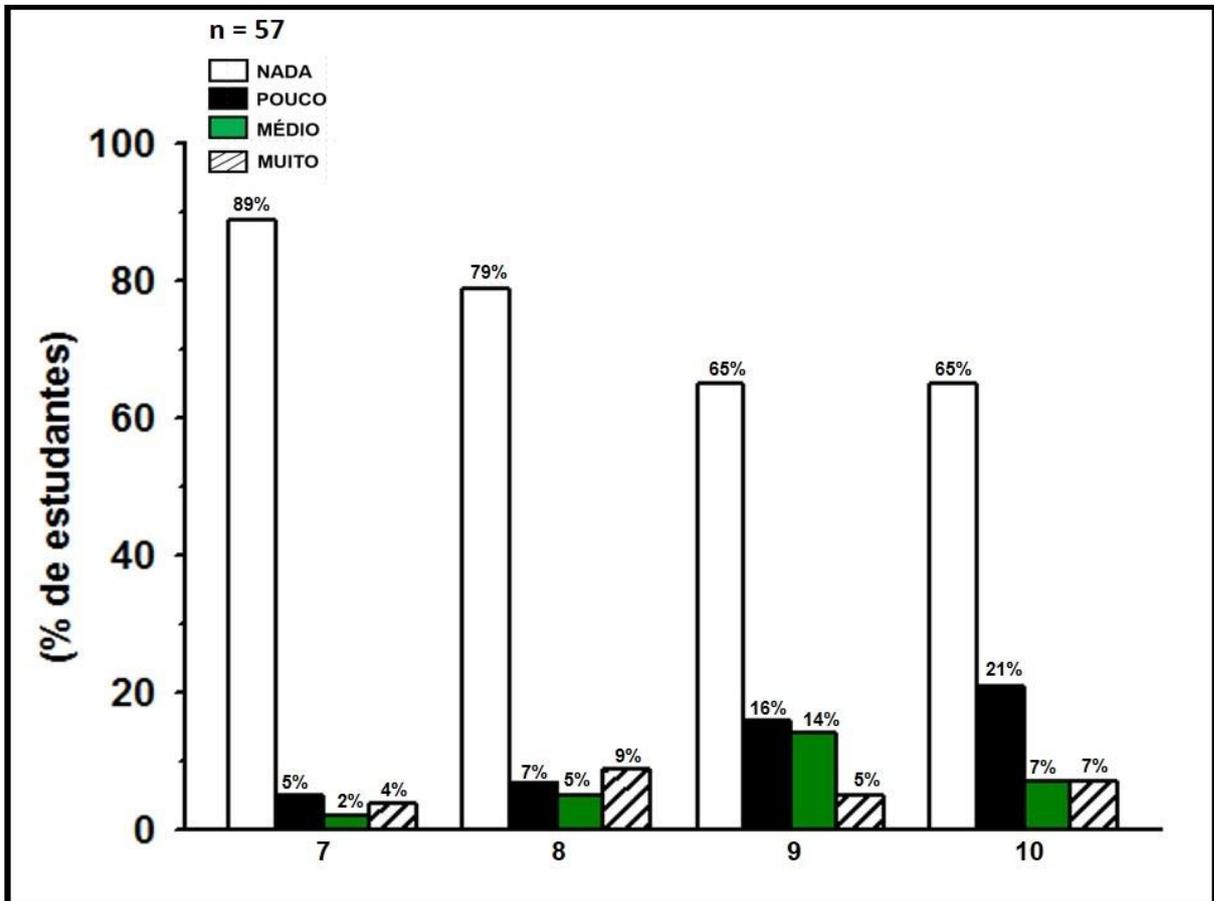


Gráfico 4 – Distribuição das respostas para as questões 7 a 10 (7. Não participo porque trabalho e estou sempre cansado e indisposto nas aulas de EF; 8. Não participo por que os colegas caçoam quando erro alguma atividade; 9. Não gosto de atividade física. Nem dentro, nem fora da escola; 10. Não participo porque EF não reprova).

Na questão 7, apresentada no Gráfico 4, é possível verificar que são poucos os alunos que deixam de participar das aulas por que trabalham e estão sempre indispostos nas aulas, levando em consideração, que quando um aluno trabalha, normalmente seu turno escolar é o noturno, portanto, a maioria dos alunos que estudam nos turnos os quais a pesquisa foi realizada, matutino e vespertino, não trabalham. Sendo assim este não é um fator relevante associado a desmotivação dos alunos, além disso, como esses alunos não trabalham, a inserção dos mesmos

em um programa de esportes poderia contribuir para a formação desses indivíduos, em relação as questões de saúde e de cidadania.

A questão 8 (Gráfico 4), demonstrou que grande parte dos alunos disseram não se importar com as brincadeiras que os colegas fazem coçando quando erram a execução de alguma atividade, porém, ainda que poucos, 5% dos alunos responderam “médio” e 9% responderam “muito” para essa questão, conduzindo a abordagem de conteúdos sobre o bullying, por exemplo, presente não somente nas aulas de EF, mas nas escolas em geral, prática esta, que leva as vítimas a se retraírem de forma que os impedem de tentar algo novo, como alguma atividade inusitada que poderia ser proposta pelo professor, ou a tentativa de melhorar a execução de movimentos ou atividades rotineiras propostas nas aulas, das quais não tenham habilidade, como o assunto já retratado no Gráfico anterior (Gráfico 3). O bullying pode ser caracterizado por ações violentas (seja verbal, física ou psicológica) repetitivas, podendo ser apelidos desagradáveis (geralmente associado à uma característica física marcante da vítima), brincadeiras ofensivas, exclusões, e até mesmo a própria agressão física, e muitas vezes, pessoas que sofrem bullying, acabam se tornando também um agressor como forma de defesa. (PEREIRA, 2014), isso, quando não acontece o contrário, onde a vítima passa a se isolar na tentativa de fugir da visão de seu agressor. Diante disso, devem ser feitos trabalhos, palestras, abordagens sobre o tema, não somente pelo professor de EF, mas por toda a escola, para diminuição dessas ocorrências.

Na questão 9, como demonstra o Gráfico 4, 65% dos alunos responderam “nada” e 16% responderam “pouco”, expressando assim, que grande parte dos alunos gosta de praticar atividade física, porém esse resultado não condiz com a realidade. Possivelmente, outros fatores como a utilização do celular e da internet durante as aulas, podem ser mais atraentes e proporcionarem a esses indivíduos uma falsa sensação de “status” e popularidade, além da falta de habilidades específicas para determinados esportes, que pode ser considerado um fator de exclusão (CROCHÍK et al., 2013) já os demais, correspondem a 14% dos alunos que responderam “médio” e 7% que responderam “muito”, externando serem poucos os alunos que não gostam de praticar atividade física, nem dentro, nem fora do âmbito escolar. Para esses alunos, o professor poderia aproveitar de suas aulas, através de atividades atrativas, inclusivas e principalmente inovadoras, como um

meio para influenciá-los a adotarem a atividade física como hábito e a levarem um estilo de vida saudável, abordando também, não somente o fato de a atividade física ser importante para a saúde do ser humano, mas o porquê ela é importante e quais seus benefícios para o organismo, como já retratado do decorrer da pesquisa.

A questão 10 (Gráfico 4), que aborda um tema muito encontrado em estudos atuais da EF escolar, refere-se ao fato da disciplina não ser de critério reprobatório. Como é possível observar, 7% dos alunos responderam “médio”, e 7% responderam “muito” para essa questão, e apesar de serem poucos os que optaram por este como um fator responsável pela sua desmotivação, esse é um fator questionado frequentemente entre acadêmicos de licenciatura em EF a partir da observação feita nos estágios durante o curso, pois o fato da disciplina não possuir o critério de reprovação como as outras disciplinas possuem, faz com que os alunos não tenham tanto comprometimento com esta, assim como têm com as outras, além disso, relatam também, que este fato, desvaloriza o próprio profissional de EF, por fazer com que as pessoas vejam a EF escolar apenas como divertimento e recreação e não como algo necessário para o desenvolvimento da criança e do adolescente, conseqüentemente, não reconhecendo a importância desse profissional.

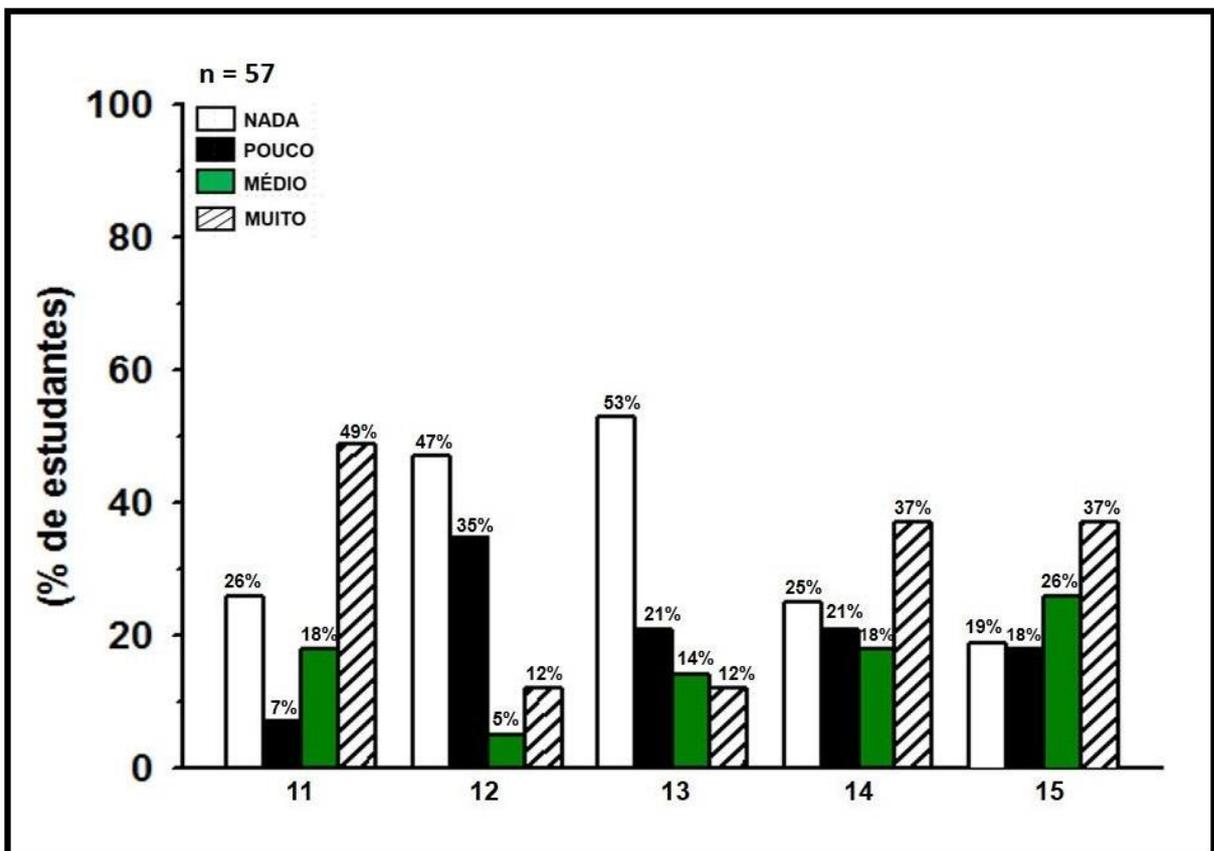


Gráfico 5 – Distribuição das respostas para as questões 11 a 15 (11. O professor (a) oferece sempre as mesmas atividades nas aulas; 12. Gosto das atividades propostas pelo (a) professor (a) nas aulas; 13. As aulas ministradas seguem um cronograma/programação; 14. Acho importante as aulas seguirem uma programação/cronograma; 15. Seria interessante se houvesse um consenso entre professores e alunos quanto às atividades propostas nas aulas).

As questões apresentadas no Gráfico 5, referem-se as atividades propostas e ao cronograma das aulas de EF. Observando as respostas da questão 11, é notável a opinião dos alunos quanto a falta da diversidade nas atividades propostas pelo professor, onde grande parte dos alunos responderam “muito”, resultado o qual, levanta como sugestão ao professor, elaborar um planejamento com mais diversidade de atividades. Segundo Martinelli et al. (2006), o professor assume também parte da responsabilidade sobre a desmotivação dos alunos, devido a metodologia utilizada e aos conteúdos e atividades oferecidas em suas aulas, pois estes podem ter influência na participação dos mesmos nas aulas de EF.

Na questão 12 (Gráfico 5), que refere-se aos alunos gostarem das atividades propostas pelo professor, 5% dos alunos responderam “médio” e 12% responderam “muito”, o que, juntamente com as respostas das questões anteriores, inclusive e principalmente a primeira questão que aborda sobre a participação dos alunos nas atividades nas aulas de EF, nota-se que há uma incoerência por parte dos alunos, onde muitos deles expressam-se de maneira a entender que gostam das atividades propostas pelo professor, porém, se gostam dessas atividades, porque não as praticam nas aulas? Tal comportamento nos remete a imaturidade e mudanças na personalidade proveniente da faixa etária em que se encontram, e da “adolescência” (mudanças essas já retratadas anteriormente), momento pelo qual passam por diversas mudanças físicas, emocionais e psicológicas.

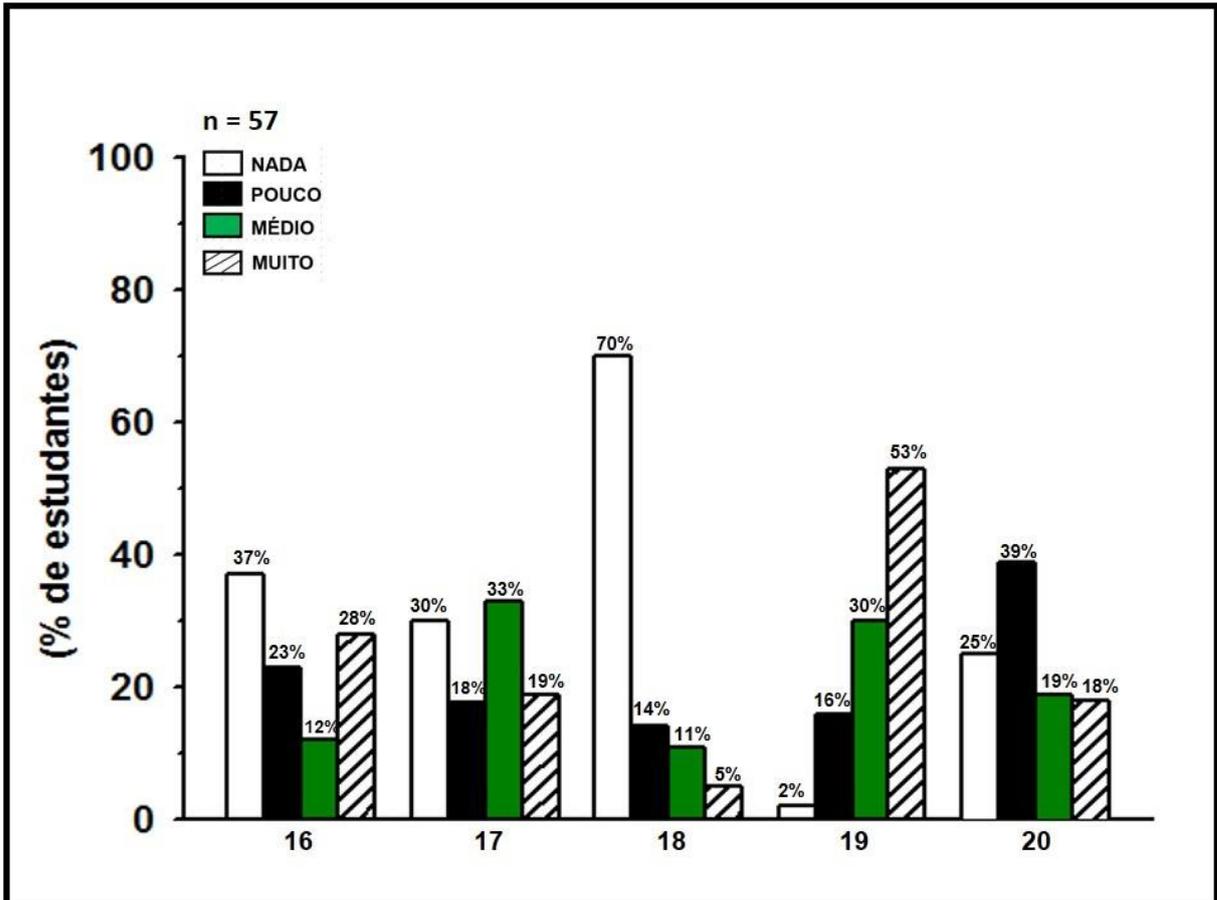


Gráfico 6 – Distribuição das respostas para as questões 16 a 17 (16. Prefiro aulas que nós (alunos) fazemos apenas atividades que escolhemos; 17. Pratico outras atividades físicas fora da escola; 18. A EF escolar me influenciou/motivou a praticar outra atividade fora da escola; 19. Conheço a importância da prática de atividade física para a saúde; 20. Gostaria que em algumas aulas o (a) professor (a) explicasse a importância da atividade física para saúde).

No Gráfico 6, a questão 16 demonstra que grande parte dos alunos correspondente a 12% de alunos que responderam “médio” e 28% que responderam “muito”, preferem as aulas em que eles escolhem as atividades que irão fazer, isso pode ser decorrente ao fato de o professor oferecer sempre as mesmas atividades, o que conseqüentemente faz com que parte dos alunos perca o interesse por essas atividades repetitivas.

Atualmente algumas vertentes pedagógicas, propõe a inclusão de metodologias ativas, onde o aluno é o centro do processo ensino-aprendizagem, construindo o próprio aprendizado a partir de experiências propostas por eles mesmos, nesse caso o professor passa a ser um mediador do conhecimento. A metodologia de ensino ativa utiliza da problematização de situações reais, que porventura possam ser enfrentadas futuramente pelos alunos. (MORÁN, 2015).

Esse é um método onde o aluno se sente mais valorizado, sendo uma peça fundamental no processo de aprendizagem. O educador Kyriacou (1998) que defende os benefícios educacionais das atividades de aprendizagem ativa, demonstra os que principais pontos são:

- São intelectualmente mais estimulantes e, portanto, são mais incentivadoras e mantêm a motivação e interesse do aluno nas atividades.
- São eficazes em promover uma série de habilidades de aprendizagem importantes envolvidas no processo de organização das atividades, como quando os alunos organizam seus próprios trabalho durante as atividades individualizadas e habilidades de interação e comunicação durante as atividades de cooperação.
- As atividades cooperativas, em particular, permitem aos alunos obter uma maior visão da conduta das atividades de aprendizagem através da observação do desempenho de seus colegas, compartilhando e discutindo os procedimentos e estratégias.

Nas questões 17 e 18, as respostas demonstram que grande parte dos alunos participantes, praticam atividades físicas fora do âmbito escolar e que a EF teve pouca influência na iniciação dessa prática, porém, possivelmente as atividades praticadas por esses alunos fora da escola não são orientadas por um profissional, pois as atividades orientadas, como equipes esportivas e escolinhas, têm um amplo trabalho com a formação completa do indivíduo, quanto a sua conduta e seus hábitos diários, sendo assim, dificilmente esse aluno não participaria também das aulas de EF na escola, como exemplo pode ser usado um projeto citado em uma pesquisa realizada por Melo et al. (2016), onde enfatizam como meta principal do projeto não apenas a formação esportiva, mas também a contribuição para formação cultural e social das crianças. Meneses (2013) afirma que a EF escolar deve propiciar aos alunos condições em que eles obtenham autonomia em relação a atividade física, de forma que eles deem continuidade a essa prática fora do período formal das aulas. Entretanto, isso só é possível se os alunos realizarem nas aulas de EF, atividades prazerosas, fazendo com que eles associem outras práticas fora da escola ao prazer, o que possivelmente não tem acontecido na população estudada.

Nas questões seguintes, como a questão 19 onde 18% dos alunos responderam com “médio” e 53% responderam “muito”, e na questão 20 onde 19% responderam “médio” e 18% responderam “muito”, demonstram que grande parte deles conhece a importância da atividade física, e gostaria que o professor abordasse esse tema em algumas aulas. Nesse caso, uma proposta interessante, seria a promoção de palestras, gincanas e eventos multidisciplinares para a conscientização desses adolescentes, e que fossem organizados não somente pelo professor de EF, mas também pelos outros profissionais da escola, pois, quanto mais os alunos compreenderem tal importância, mais eles se conscientizarão de tornarem a atividade física uma prática habitual. Além disso, Paiano (1998), diz que EF deve aproximar o aluno da percepção de suas atividades permitindo a associação de suas ações de forma que o faça entender o que está fazendo, por que está fazendo, e o que sente ao fazê-la, objetivando assim, desencadear um maior interesse pela prática de atividade física.

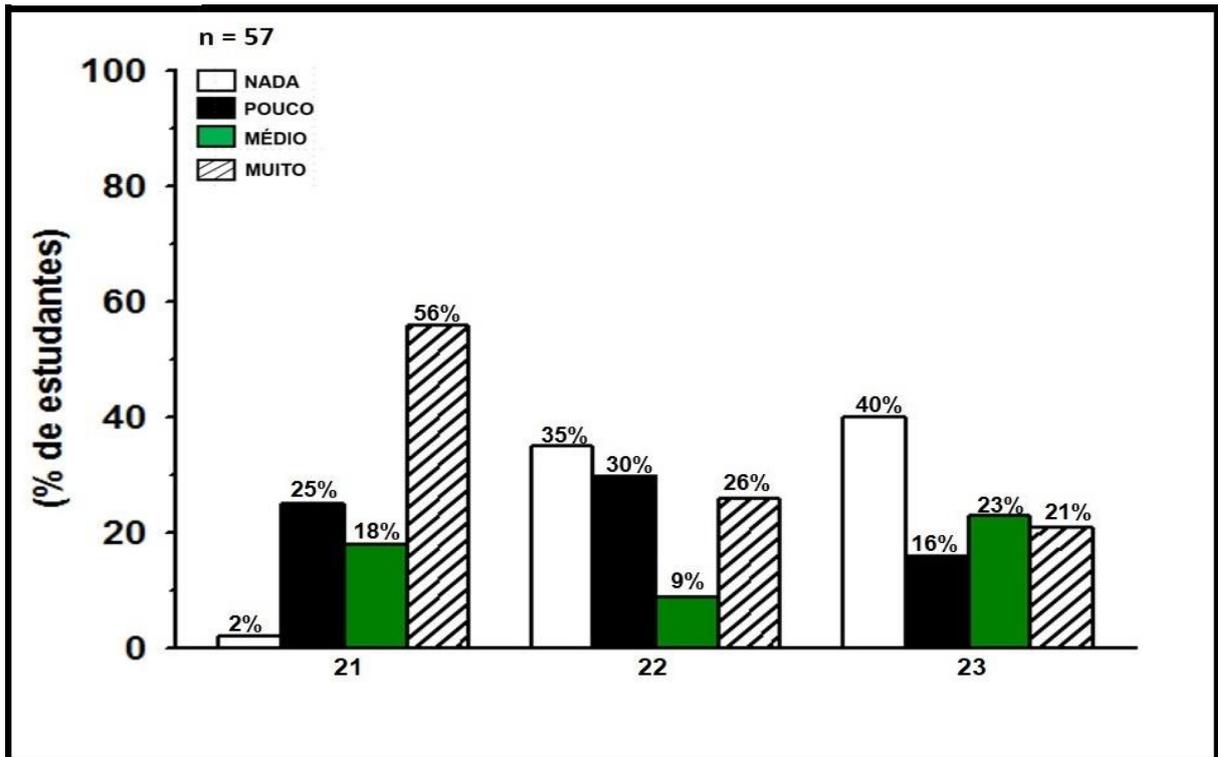


Gráfico 7 – Distribuição das respostas para as questões 21 a 23 (21. Tenho bom relacionamento e gosto do professor (a); 22. Sinto-me motivado quando recebo elogios do professor (a); 23. Se EF fosse uma disciplina opcional na minha grade curricular, eu optaria em tê-la como componente).

No Gráfico 7, nas questões 21, observa-se que segundo as respostas dos alunos, grande parte deles possui um bom relacionamento com o professor de EF. Ainda que neste caso, manter um bom relacionamento com o professor, não aumentou a participação deles nas aulas, este é um fator importante, pois quanto menos o aluno tiver um relacionamento estável com o professor, menos ele vai se sentir à vontade para participar das aulas, e menos confiança terá no professor, tanto como autoridade como transmissor de conhecimentos. Porém, apenas manter um bom relacionamento com os alunos não é suficiente para atraí-los e os motivar a participarem mais das aulas. Se o professor não investir em novas metodologias de ensino e em novas atividades para suas aulas, este fator sozinho não agregará em nada na motivação dos alunos.

Na questão 22, ao responderem sobre sentirem-se ou não motivados aos receberem elogios do professor, 9% dos alunos responderam “médio” e 26% responderam “muito”. Apesar de muito se ouvir sobre fazer algo sem esperar recompensa, o ser humano é movido a motivação, independente de qual seja essa motivação. Corrigir os alunos quando erram a execução de algum movimento, é

importante para que eles possam consertar e fazê-lo de forma correta, assim também, é com elogios quando acertam a execução de um movimento ou de uma atividade, pois, ao serem elogiados eles sabem que estão fazendo correto, e vão procurar cada vez mais superarem a si mesmos, além de que, quando recebem elogios do professor, eles veem que o professor está sempre observando a todos, acompanhando o desenvolvimento de cada um.

Por fim, a última questão (23) do questionário, interroga se a EF fosse uma disciplina opcional, eles optariam em tê-la na grade curricular, e ainda que os questionários analisados para o levantamento dos dados tenha sido dos alunos que responderam “nada” e “pouco” para a questão sobre a participação nas aulas, muitos deles expressaram que optariam em manter EF na grade curricular, sendo que 23% dos alunos responderam “médio” e 21% responderam “muito”. Porém, 40% dos alunos que responderam “nada”, não dão relevância a essa disciplina como um componente integrante do currículo escolar. Além disso, isso remete novamente a incoerência nas respostas discutidas anteriormente, onde grande parte dos alunos respondeu de forma que expressa, que a falta de habilidades, o bullying, o relacionamento com o professor, entre outros, não são fatores de desmotivação. Isso, possivelmente, se dá pelo fato de que, atualmente os horários das aulas de EF ocorrem no mesmo período que as demais disciplinas, o que faz com que muitos dos alunos vejam a EF como um momento de relaxamento extraclasse, ou seja, o momento que eles têm para saírem de classe e ficarem sem realizar nenhuma atividade que sejam obrigados, entretanto isso não supre os anseios da EF no desenvolvimento do indivíduo saudável como um todo. Nesse caso se faz interessante a discussão de trabalhos multidisciplinares, onde haja a possibilidade do aluno contextualizar os aprendizados obtidos nas demais disciplinas com a EF, como por exemplo, a utilização de resultados obtidos em um jogo em quadra com a matemática, na preparação de tabelas e gráficos. Sendo assim, o professor de EF deve buscar novas abordagens e metodologias que despertem o interesse dos alunos.

Esse fato pode ser explicado pela afirmação de Meneses (2013), onde diz que apesar de ser uma disciplina da qual os alunos demonstram grande apreço, até mesmo os que não participam, a EF é uma disciplina que é vista pelos alunos e até por professores de outras áreas e funcionários da escola, como uma disciplina não

importante na grade curricular. E segundo a autora, o envolvimento e participação dos alunos nas aulas de EF é indispensável para que o processo ensino-aprendizagem ocorra efetivamente.

Finck (2014), também relata que a EF, mesmo com todos os estudos realizados e comprovados, referente aos seus benefícios, não tem sido capaz de convencer a população quanto a sua relevância no currículo escolar. As pessoas ainda a veem como a disciplina de brincar e jogar bola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos resultados apresentados, nota-se que é preciso repensar a prática pedagógica, de forma que passe a ser mais “inclusiva” e diversificada. Para isso se faz necessário também o empenho de todos os envolvidos nesse processo, professores, alunos, pais, coordenação e direção escolar, além dos nossos governantes e autoridades responsáveis.

A falta de incentivo ao professor, quanto ao plano de carreira e até mesmo a remuneração, corrobora com o atual perfil de muitos professores, que demonstram insatisfação profissional. Fato este, decorrente da desvalorização do profissional de EF, e do não reconhecimento da importância da EF inserida na escola, o que resulta na percepção negativa dos alunos quanto as aula, que a veem como um horário extraclasse, tratando-se de um tempo ocioso, servindo até mesmo de descanso para as demais disciplinas.

De forma pessoal, acredita-se que uma união, um movimento entre os profissionais de EF do município de Ariquemes, onde estabeleçam entre si ações a serem adotadas a fim de modificar o atual cenário das aulas de EF, expondo não somente aos alunos, mas também a comunidade sua importância na formação física, moral e social do indivíduo, podem elevar e reforçar seu valor no contexto escolar, e contribuir para uma maior participação dos alunos em geral nas aulas desta disciplina.

CONCLUSÃO

Conclui-se que os fatores associados à desmotivação dos alunos do 9º ano do ensino fundamental e 1º do ensino médio da Escola Ricardo Cantanhede de Ariquemes/RO são múltiplos, envolvendo questões como o clima do ambiente onde ocorrem as aulas, a pouca habilidade para a execução de algumas atividades, o que conseqüentemente faz com que os alunos se sintam envergonhados, o fato da disciplina não possuir o critério de reprovação, e principalmente a falta de diversificação e programação dos conteúdos ministrados em aula, trazendo a sensação de insignificância das aulas de EF. Resultados estes que permitem concluir que as aulas de EF não têm sido capaz de influenciar os alunos, de forma que queiram dar continuidade a essa prática fora do âmbito escolar.

Para contribuir com uma maior adesão dos alunos em relação às aulas, torna-se necessário o empenho principalmente dos professores de EF, visto que os métodos utilizados assumem grande importância sobre essa desmotivação, e também o apoio e colaboração dos demais envolvidos, como os outros professores da escola, coordenação, direção, e até mesmo dos pais.

Desse modo, podemos concluir que a EF deve ser melhor valorizada, devido a sua importância na formação física, moral e social do cidadão, proporcionando e os educando para uma vida adulta e o envelhecimento saudável.

REFERÊNCIAS

AMARAL, V. L. do. **Psicologia da Adolescência**. In: **A psicologia da Educação**. Natal, RN: EDUFRN, 2007. 208 p.

BACCARELLI, M. T. et al. Relacionamento Interpessoal professor-aluno na Educação Física. **Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 8, n. 2, p. 19-32, maio/agosto 2010. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637738/5429>>. Acesso em: 19 fevereiro 2017.

BARBOSA, V. L. P. **Prevenção da obesidade na infância e na adolescência: exercícios, nutrição e psicologia**. 2. ed. Barueri, SP: Manole, 2009. 164 p.

BERTINI JUNIOR, N.; TASSONI, E. C. M. A Educação Física, o docente e a escola: concepções e práticas pedagógicas. 2013. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 467-483, julho/setembro 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v27n3/v27n3a13.pdf>. Acesso em: 02 junho 2017.

BETTI, M; ZULIANI, L. R. Educação Física Escolar: Uma proposta de Diretrizes Pedagógicas. **Revista Mackenzie**, Bauru, v. 1, n. 1, p. 73-81, junho/setembro 2002. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1363/1065>>. Acesso em: 24 maio 2017.

BINKLEY, H. M. et al. National Athletic Trainers Association Position Statement: Exertional Heat Illnesses. **Journal of Athletic Training**, Carrollton, v. 37, n. 3, p. 329-343, julho/setembro 2002. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC164365/>>. Acesso em: 02 abril 2017.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **LEI Nº 4.024, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1961.** Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4024.htm>. Acesso em: 12 novembro 2016.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **DECRETO-LEI Nº 705, DE 25 DE JULHO DE 1969.** Altera a redação do artigo 22 da Lei nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/De10705.htm>. Acesso em: 12 novembro 2016.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **LEI Nº 5.692, DE 11 DE AGOSTO DE 1971.** Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5692.htm>. Acesso em: 12 novembro 2016.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 12 novembro 2016.

CHICATI, K. C. Motivação nas aulas de Educação Física no Ensino Médio. **Revista Da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 97-105, abril/setembro 2000. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3799/2611>>. Acesso em: 10 fevereiro 2017.

CONFED. Um reconhecimento aos Ilustres Metres da Educação Física. **Revista Educação Física**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 4-15, 2003. Disponível em: <http://www.confef.org.br/extra/revistaef/arquivos/2003/N10_DEZEMBRO/06_UM_R_ECONHECIMENTO_AOS_ILUSTRES_MESTRES.PDF>. Acesso em: 11 novembro 2016.

CROCHIK, J. L. et al. Educação Inclusiva: escolha e rejeição entre os alunos. **Revista Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 1, p. 174-184, março 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822013000100019>. Acesso em: 12 maio 2017.

DARIDO, S. C. A Educação Física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 61-80, janeiro/março 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16551/18264>>. Acesso em: 28 maio 2017.

DARIDO, S. C.; SOUZA JUNIOR, O. M. de. **Para ensinar Educação Física: possibilidades de intervenção da escola**. Capinas, SP: Papirus, 2015. 349 p.

FEITAL, A.; OLIVEIRA, J. M. de S. A participação do aluno obeso nas aulas de Educação Física: um estudo de caso. **Revista Digital EFDeportes**, Buenos Aires, v. 16, n. 158, Julho 2011. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd158/aluno-obeso-nas-aulas-de-educacao-fisica.htm>>. Acesso em: 05 março 2017.

FINCK, S. C. M. **A Educação Física e o esporte na escola: cotidiano, saberes e formação**. Curitiba, PR: InterSaber, 2014. 189 p.

FINCK, S. C. M.; TESTA JUNIOR, A. **Movimento, saúde e qualidade de vida: espaço necessário na Educação Física escolar**. In: FINCK, S. C. M (Org). **Educação Física escolar: saberes, práticas pedagógicas e formação**. Curitiba, PR: InterSaber, 2014. 323 p.

FLORINDO, A. A; RIBEIRO, E. H. C. **Atividade física e saúde em crianças e adolescentes**. In: ROSE JUNIOR, D. de. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**: uma abordagem multidisciplinar. 2. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009. 256 p.

FREITAS, Hebrayn Bezerra. **A importância do Espaço Físico e Materiais Pedagógicos para as aulas de Educação Física na Escola Pública do município de Unai – MG**. Universidade de Brasília - Faculdade de Educação Física - Curso de licenciatura em Educação Física - Universidade aberta do Brasil – Polo Buritis – MG. Brasília: Revista Unib, 2014. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/9615/1/2014_HebraynBezerraFreitas.pdf>. Acesso em: 20 outubro 2016.

GRABER, K. C; WOODS, A. M. **Educação física e atividade para o ensino fundamental**. Porto Alegre, RS: AMGH, 2014. 319 p.

JUSBRASIL. **Constituição Federal de 10 de Novembro de 1937**. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10614266/artigo-131-da-constituicao-federal-de-10-de-novembro-de-1937>>. Acesso em 11 novembro 2016.

KYRIACOU, C. **Essentials of teaching skills**. 3. ed. Nelson Thrones, London, 1998. p. 4. Disponível em: <http://recruitusmc.org/wp-content/uploads/2014/10/essential_teaching_skills_.pdf>. Acesso em: 29 maio 2017.

LUCCHESI, F; CASTRO, C, N, de. **Desembarcando o sedentarismo**. 7. ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010. 174 p.

MARANTE, W. O.; SANTOS, M. C. dos. Metodologia de Ensino da Educação Física: Reflexão e Mudanças a partir da pesquisa ação. **Revista Mackenzie**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 69-83, agosto 2008. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/583/368>>. Acesso em: 20 maio 2017.

MARTINELLI, C. R.; et al; Educação Física no Ensino Médio: Motivos que levam as alunas a não gostarem de participar das aulas. **Revista Mackenzie**, Barueri, v. 5, n. 2, p. 13-19, agosto/setembro 2006. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1288/993>>. Acesso em: 15 abril 2017.

MATTOS, M. G; NEIRA, M. G. **Educação Física na adolescência**. 5. ed. São Paulo: Phorte, 2008. 150 p.

MARZINEK, Adriano. **A motivação de adolescentes nas aulas de Educação Física**. 2004. Dissertação – Universidade Católica de Brasília – Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Educação Física. Brasília: Educadores Dia a Dia. 2004. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/dissertacao/Adriano_Marzinek.pdf>. Acesso em: 20 março 2017.

MELO, A. C. R; LOPEZ, R. F. A. Educação Física: professor, tempos, espaços e equipamentos. **Revista Digital EFDeportes**, Buenos Aires, v. 17, n. 175, dezembro 2012. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd175/educacao-fisica-professor-tempos-espacos.htm>>. Acesso em: 16 maio 2017.

MELO, M. L. et al. Importância das escolinhas de futebol na formação do jovem atleta em Campina Grande – PB. **Revista Científica Internacional**, v. 11, n. 3, p. 39-194, outubro/dezembro 2016. Disponível em: <<http://www.interscienceplace.org/isp/index.php/isp/article/download/578/378>>. Acesso em: 15 março 2017.

MENDONÇA, R. T. **Obesidade Infantil e na adolescência**. São Paulo: Rideel, 2014. 230 p.

MENESES, Renata Arbo. **Fatores Motivacionais para a prática de Educação Física Escolar de estudantes de Ensino Médio**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Escola de Educação Física. Porto Alegre: Lume, 2013. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/87665/000911755.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 11 outubro 2016.

MENEZES, R. de; VERENGUER, R. de C. G. Educação Física no Ensino Médio: O sucesso de uma proposta segundo os alunos. **Revista Mackenzie, Barueri**, v. 5, n. 3, p. 99-107, agosto/setembro 2006. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1902/1376>>. Acesso em: 27 maio 2017.

MORÁN, J. **Mudando a Educação em Metodologias Ativas**. Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II. Pg. 15-33. Ponta Grossa: PROEX/UEPG, 2015. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf>. Acesso em: 28 maio 2017.

PAIANO, Ronê. **Ser... ou não fazer: o desprazer dos alunos nas aulas de Educação Física e as perspectivas de reorientação da prática pedagógica do docente**. 1998. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Universidade Presbiteriana. Revista Mackenzie, São Paulo, 1998.

PEREIRA, Patrícia José. **O bullying nas aulas de Educação Física e o papel do professor de Educação Física**. Universidade de Brasília - Faculdade de Educação Física - Curso de licenciatura em Educação Física - Universidade aberta do Brasil – Polo Buritis – MG. Revista Brasília: Unib, 2014. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/9646/1/2014_PatriciaJosePereira.pdf>. Acesso em: 03 novembro 2016.

PIAGET, J. **Seis estudos da psicologia**. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999. 136 p.

PITANGA, F. J. G. **Epidemiologia da atividade física, do exercício e da saúde**. 3. ed. São Paulo: Phorte, 2010. 270 p.

ROCHA, Claudia Christina Mendes. **A Motivação de Adolescentes do Ensino Fundamental para a prática de Educação Física Escolar**. Dissertação apresentada com vista à obtenção do grau de Mestre em Psicologia do Desporto – Universidade Técnica de Lisboa/Faculdade de Motricidade Humana. Lisboa: UTL Repository, 2009. Disponível em: <<https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/2141>>. Acesso em: 22 maio 2017.

SAMPEDRO, Lisiane Borges Rocha. **Motivação à prática de atividades físicas e esportivas na Educação Física Escolar: Um estudo com Adolescentes do Ensino Médio de Escolas Públicas Estaduais da cidade de Porto Alegre - RS**. 2012. Dissertação (Mestrado) – UFRGS, Escola de Educação Física, Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano. Porto Alegre: LUME, 2012. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/61130/000863630.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 28 maio 2017.

SAMULSK, D. et al. **Atividade física, saúde e qualidade de vida**. In: SAMULSK, D. **Psicologia do esporte: conceitos e novas perspectivas**. 2. ed. Barueri, SP: Manole, 2009. 496 p.

SILVA, M. F. P.; DAMAZIO, M. S. O ensino da Educação Física e o espaço físico em questão. **Revista Pensar a Prática/UFG**, Goiás, v. 11, n. 2, p. 197-207, março/junho 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/3590/4098>>. Acesso em: 06 maio 2017.

APÊNDICE

APÊNDICE – A. Questionário aplicado aos alunos para realização da pesquisa.

SÉRIE/TURMA: _____ TURNO: _____

IDADE: _____ SEXO: FEM. () MASC. ()

Este questionário, composto por 23 questões objetivas, pretende avaliar fatores relacionados à sua participação ou não nas aulas de Educação Física. As questões deverão ser respondidas com um “X” por caneta estereográfica AZUL OU PRETA no espaço (quadrado) correspondente a sua opção de resposta, de acordo com as seguintes alternativas:

0	NADA
1	POUCO
2	MÉDIO
3	MUITO

Obs: responder atentamente o preenchimento das questões, EVITANDO QUE ALGUMA FIQUE EM BRANCO.

	QUESTÕES OBJETIVAS	0	1	2	3
1.	Participo das atividades nas aulas de Educação Física.				
2.	Não participo das aulas porque a quadra é um ambiente muito quente. Não quero ficar suado nas próximas aulas.				
3.	Não participo porque não gosto do professor (a).				
4.	Não participo porque não sou “bom” em nenhum esporte/atividade.				
5.	Não participo porque tenho vergonha.				

6.	Não participo porque não me dou bem com os colegas de turma.				
7.	Não participo porque trabalho e estou sempre cansado e indisposto nas aulas de Educação Física.				
8.	Não participo por que os colegas caçoam quando erro alguma atividade.				
9.	Não gosto de atividade física. Nem dentro, nem fora da escola.				
10.	Não participo porque Educação Física não reprova.				
11.	O professor (a) oferece sempre as mesmas atividades nas aulas.				
12.	Gosto das atividades propostas pelo (a) professor (a) nas aulas.				
13.	As aulas ministradas seguem um cronograma/programação.				
14.	Acho importante as aulas seguirem uma programação/cronograma.				
15.	Seria interessante se houvesse um consenso entre professores e alunos quanto às atividades propostas nas aulas.				
16.	Prefiro aulas que nós (alunos) fazemos apenas atividades que escolhemos.				
17.	Pratico outras atividades físicas fora da escola.				
18.	A Educação Física escolar me influenciou/motivou a praticar outra atividade fora da escola.				
19.	Conheço a importância da prática de atividade física para a saúde.				
20.	Gostaria que em algumas aulas o (a) professor (a) explicasse a importância da atividade física para saúde.				
21.	Tenho bom relacionamento e gosto do professor (a).				
22.	Sinto-me motivado quando recebo elogios do professor (a).				
23.	Se Educação Física fosse uma disciplina opcional na minha grade curricular, eu optaria em tê-la como componente.				